

Palavras finais Santos Simões

A sessão de hoje é, para nós, razão do mais justificado regozijo por muitos motivos. Porque se trata de acompanhar o Conselho Cultural da Universidade do Minho numa iniciativa prestigiante que se deve ao saber e empenhamento do Prof. Lúcio Craveiro da Silva, sócio Honorário desta velha Instituição, que muito se honra em tê-lo como um dos seus pares e sempre se regozija com a sua presença. Pela iniciativa, em si, que assinala e recria um passado que muito tem a ver com o nascimento deste centro urbano e também com um primeiro balbuciar da terra portuguesa.

Por também trazer até esta nossa Casa duas professoras prestigiadas da Universidade do Minho: a Prof.^a Manuela Martins a quem a Arqueologia da nossa região, e não só, já tanto deve, quer pelo que tem investigado no domínio do castrejo, quer pela acção desenvolvida na persistente luta pela restituição e salvamento do que resta de Bracara Augusta e a quem esta Sociedade agradece uma vez mais a disponibilidade que sempre manifesta em nos ajudar com a sua inteligência e saber. Por nos oferecer a satisfação de uma vez mais apreciar a mais apaixonada e lúcida investigadora do passado de Guimarães, a Prof.^a Conceição Falcão, através de um trabalho de investigação que abre pistas que não podem ser percorridas no escasso tempo de uma vida. Sabe V. Ex.^a o alto apreço em que a temos nesta Casa e isso é garante suficiente do enorme júbilo em tê-la tido hoje como conferente.

Uma palavra ainda para o Presidente da Câmara Municipal, aqui representado pelo Senhor Vereador Armindo da Costa e Silva, a quem agradecemos a disponibilidade para estar presente. Compreendemos e lamentamos o facto de não poder estar presente e isso mesmo lhe disse telefonicamente quando me contactou a informar dos motivos da sua forçada ausência. Cumpre uma honrosa missão acompanhando o Senhor Presidente da República a S. Tomé, onde há uma cidade geminada com Guimarães. Mas é para nós igualmente motivo de júbilo o facto de a Câmara Municipal ser co-organizadora desta iniciativa, não só pelo que este acto significa mas por ver o nosso Município integrando com a Universidade do Minho e esta Instituição uma iniciativa cultural de relevante significado.

E correndo o risco de porventura repetir algumas ideias que já foram expressas pela ilustre conferente, repetição que a existir não tem nem o fulgor nem o saber das que foram feitas, permita-se-me que, na senda do longo caminhar das gentes desta região, não esqueça aqui os povos que primeiro lançaram as sementes da cultura que hoje fulge em esplendor nas formas da cerâmica da Penha e de Briteiros, na forjadura do ferro, na elegância e criatividade das peças de granito e na fina sensibilidade das peças de ouro. Constitui momento alto de reflexão e admiração verificar o contraste entre o trabalho na dura pedra granítica e o labor delicado do ouro. As mãos calejadas dos castrejos transformavam-se em hábeis manipuladoras de sensibilidade quase feminina, principalmente para *tecer* as formas leves e delicadas que ornaram os esquisitos torques, braceletes, pulseiras, anéis e arrecadas.

A ocupação romana não conseguiu destruir essa herança e, como legado de colonizador culturalmente diferenciado, deixou-nos marcas indeléveis de progresso social, económico e cultural que perduraram ao longo dos séculos.

Um novo marco na história da região surge cerca de quinhentos anos após o período de romanização deste território.

Na passagem do século VIII para o IX, Vímara Peres fixou-se nesta região em granja ou prédio rural, ou *villa*, e não repugna que, desde então fosse conhecida por Vimaranes, ou a partir da eventual fixação de seu filho Lucídio Vimaranes. O certo é que, quando em 950 a Condessa Mumadona fundou na

pequena quinta o seu Mosteiro, já o local era conhecido como Vimaranes. Depois desta atrevida incursão em domínio que não é o meu, importa voltar à linha de força que desejo sublinhar. A criação do Mosteiro pela Condessa veio a possibilitar que Guimarães se tornasse um importante polo cultural através da oferta de uma preciosa biblioteca que não só foi o embrião do primeiro centro de estudos, como esteve na base do poder político que a terra manteve até a passagem da capital para Coimbra, onde existia também então um importante centro de saber: o Mosteiro de Santa Cruz.

O pequeno polo rural cresceu e desenvolveu-se a sombra da generosidade de Mumadona, em relação ao Mosteiro. E onde cem anos antes alguns poucos servos cultivavam um prédio rústico, agora, uma população laboriosa e de gentes de armas gravitava à volta do Mosteiro acolhia-se à protecção do Castelo.

Guimarães polarizava, então os quereres dos barões portugalenses que rejeitavam a autoridade dos Travas e deram D. Afonso Henriques como rosto da sua revolta em S. Mamede.

Se Guimarães ostenta a honra de aqui ter acontecido a primeira tarde portuguesa, não é sem justificado orgulho que se pode e deve enaltecer a importância da cultura na génese de Portugal.

Por isso é duplamente justa a sessão que hoje aqui realizamos.

A terminar, não quero deixar de agradecer ao Conselho Cultural nas pessoas do Prof. Lúcio Craveiro da Silva e Dr. Henrique Barreto Nunes o terem também distinguido esta Sociedade com o lançamento de dois números da prestigiada revista "Forum".